

# MONOPÓLIO E IMPUNIDADE

## O DUVIDOSO ARGUMENTO DA PROVA

Sensacionalista, hipócrita, vendida e arrogante. Ou então virtuosa, digna, valorosa, destemida. A discussão sobre a ética na imprensa nacional não pode ficar restrita a este tipo de debate, porque ele alcança apenas alguns aspectos do problema: o direito à privacidade ou o dever de comprovar denúncias antes de publicá-las. Esta discussão precisa ir mais longe.

Foi o que senti, na última segunda-feira, ao preparar este artigo sobre ética na imprensa para o **Jornal da Tarde**. **Veja e Isto É**, os dois semanários mais importantes do país estavam nas mãos, junto com a entrevista do diretor da **Folha de S. Paulo**, Otávio Frias Filho, publicada pelo próprio **Jornal da Tarde**.

Embora cada uma dessas publicações tenha dado sua contribuição indispensável à luta pela ética na política e pelo afastamento de Collor, todas já violaram e continuam violando o que para mim precisa ser apontado como a principal de todas as questões sobre a ética na imprensa: como um cidadão que dispõe de uma concessão pública de TV ou rádio, ou de um veículo de comunicação social, se dá o direito de usá-lo em benefício de interesses particulares ou de grupos privados?

Collor, "salvador da Pátria", é e sempre foi uma farsa. Desde a juventude, quando era apenas o "Fernandinho do Pó". Adulto em Alagoas, adotando o tráfico de influências, construiu uma rede de comunicação baseada em concessões públicas. Com PC Farias carregando sua mala preta, tornou-se presidente da República.

Hoje, todas estas histórias já se tornaram públicas. Jornais, livros, revistas, rádios e televisões todos os dias divulgam denúncias contra Collor. Infelizmente, no entanto, muito tarde. Apenas depois deste homem ter provocado ao país prejuízos irreversíveis. Depois que o país foi jogado em uma de suas crises mais profundas de desemprego e desagregação social.

Mas estas e tantas outras histórias sobre a moral e a ética collorista chegaram a meu conhecimento, assim como de muita gente, antes mesmo de Collor tornar-se presidente. Eu soube de muitas destas denúncias através de conversas pessoais com jornalistas que trabalhavam para grandes veículos de comunicação, onde elas não eram divulgadas. O argumento para sua não divulgação era o de que não haviam provas.

Será que isto é verdade? Não, e é fácil demonstrar. Quando se tratava de denúncias contra Lula e as administrações petistas não era preciso provas. É bom lembrar o caso Lubeca, o sequestro do empresário Abílio Diniz, que as redes de TV colocaram no ar em todo o país, e assim por diante. Mas, até hoje a opinião pública não sabe direito sobre o resultado do rastreamento de cheques no Banco Central, no caso Lubeca, que inocenta o PT, nem sobre a inexistência de qualquer ligação do PT com o sequestro de Diniz.

E novamente nos aproximamos de nova sucessão presidencial, quando a questão da ética na imprensa volta a ser uma questão central para os destinos do país. Dai porque, ao pegar a **Veja** e a **Isto É** nesta segunda-feira me pergunto: será que a **Veja**, com a matéria sobre Curitiba, e a **Isto É**, com o texto "O destino se chama Orestes", não estão lançando seus candidatos?

Nós já vivemos esta história. Sabemos como começou e quanto custou a aventura collorista para este país. A ética na imprensa começa, portanto, quando é possível denunciar e acabar com qualquer tipo de utilização tendenciosa que se faça nos meios de comunicação. E isto, sabemos, só será possível quando a luta pela democratização da comunicação no país for finalmente vitoriosa. Esta luta está em curso. Dela faz parte, inclusive, o projeto de nosso Sindicato de colocar no ar uma emissora de rádio.

(Vicente Paulo da Silva, membro da coordenação executiva do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e da executiva nacional da CUT.)

## A IMPRENSA BRASILEIRA É ÉTICA?

Na nona abordagem da série A imprensa brasileira é ética? — que o JT começou a publicar no último dia 24 — os convidados são o jornalista Boris Casoy, editor e âncora do TJ Brasil (SBT); o presidente da Central Única dos Trabalhadores, Jair Meneghelli, e o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Vicente Paulo da Silva.

A série tem como base o artigo Os sete pecados da imprensa, do jornalista inglês Paul Johnson, publicado originalmente na revista Spectator. Johnson acusa a imprensa de sete pecados — e sugere que ela adote dez mandamentos como código de ética. Um resumo dos pecados e dos mandamentos tem sido publicado em todas as edições.

A série já trouxe entrevistas com diretores e editores de cinco publicações (Veja, O Globo, Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde) e diversos depoimentos do chamado "outro lado" — pessoas que se consideram vítimas da imprensa —, entre eles o do ex-presidente Fernando Collor de Mello (LMC)



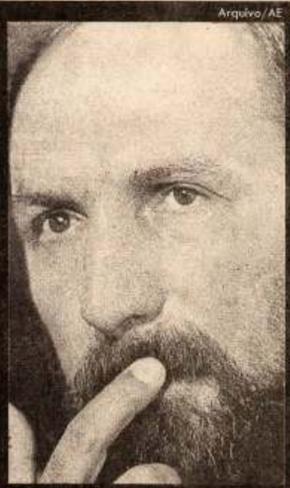
Como é que um cidadão que dispõe de uma concessão pública de TV ou rádio se dá o direito de usá-la em benefício de interesses particulares?

(Vicente Paulo da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC)



A resposta às vitimas, em muitas oportunidades, costuma ser de uma truculência incrível, de uma arrogância a toda prova

(Boris Casoy, editor e âncora do jornal TJ Brasil, do SBT.)



O problema é a absurda concentração de 90% dos meios de comunicação do país nas mãos de nove famílias. Esse compacto oligopólio tem sua apoteose no rádio e na TV.

(Jair Meneghelli, presidente da Central Única dos Trabalhadores)

## DESPREZO PELA PRECISÃO DA NOTÍCIA

Não há como negar: a imprensa brasileira está dando as costas ao comprometimento ético. É claro, existem exceções. Mas a presença dos "es-corrégões" éticos em jornais, rádio, televisão e revistas é cada vez maior, exibindo diariamente alguns ou todos os pecados citados pelo jornalista inglês Paul Johnson.

Fica difícil dizer porque chegamos a tal situação. Muito provavelmente trata-se de um complexo de fatores, a começar pela deterioração social e moral que as grandes inflações costumam provocar nos povos. É uma suspeita séria, que carece de comprovação. Certamente há fatores mais claros, como a péssima formação que as escolas de jornalismo propiciam.

Desprezam-se técnicas que buscam a precisão da notícia, relegam-se a segundo plano valores éticos e morais e jogam-se na lata do lixo as prerrogativas de defesa e proteção da privacidade cultuadas pela maioria das democracias. Temos deparado com casos de má fé, mas eles são superados de longe por lances de incompetência explícita.

Como boa parte dos jornalistas, por falta de bagagem técnica e cultural, não consegue investigar os fatos mais simples, é possível imaginar o que acontece com os casos mais delicados. Na maioria deles cria-se um nó onde a vítima maior acaba sendo a verdade. Algumas chefias nas redações tentam reagir a esse estado de coisas, mas em muitos momentos são obrigadas a acreditar nos profissionais que os cercam.

Com a "denuncite" que tomou conta da imprensa brasileira nos últimos tempos tudo isso vem a tona com mais evidência. E a resposta às vitimas em muitas oportunidades, costuma ser de uma truculência incrível, de uma arrogância a toda prova. A imaginação é tratada como verdade, a suposição como fato inconteste e a acusação dispensa a investigação. Vale tudo em boa parte da imprensa para "esquentar" uma manchete. E as barreiras éticas não são obstáculo para nada. Há um afrouxamento geral na busca da precisão da notícia. Não é possível saber até onde existe cumplicidade dos que deveriam orientar essa horda de jornalistas jovens aparentemente desorientados.

A nova Lei de Imprensa que se deseja impingir à sociedade brasileira é um retrato da falência profissional de nossa imprensa. Trata-se de um projeto inspirado pela Associação Nacional de Jornais, que tramita no Congresso Nacional. Sob o pretexto de facilitar a investigação jornalística, usando a liberdade como escudo, o projeto eleva o jornalista à categoria de impune. Os demais habitantes deste Brasil ficam sujeitos a penas privativas de liberdade caso pratiquem calúnia, injúria ou difamação. Pelo projeto, jornalista que cometer esses crimes através de órgãos de imprensa fica sujeito à pena de multa, levando-se em conta, ainda, sua capacidade de pagamento.

Esse projeto é uma confissão da incapacidade de investigar, da incapacidade de buscar a precisão. E que de altura os jornalistas contemplam seus semelhantes...

Essa situação de "crise ética" é grave e temos de reagir contra ela. Nem todos os jornalistas e órgãos de imprensa são culpados por isso. Mas todos nós temos responsabilidades nisso. Não podemos permitir que se continue assassinando fatos e honras em nome da incompetência, má fé ou qualquer outra coisa.

(Boris Casoy, apresentador do telejornal TJ Brasil, do SBT.)

## A CONCENTRAÇÃO DE PODER

"Se apenas uns poucos podem falar é claro que falam o que bem entendem"

Pedimos licença, data venia, para chutar o pau da barraca neste debate sobre ética na imprensa. Falamos com autoridade. Participamos daquela imensa maioria dos não proprietários e não anunciantes, os marginalizados da mídia. Somos daqueles que podem até ser notícia, mas como objeto inerte e indefeso. Dos que pelejam, com magros boletins sindicais, para darmos nosso recado.

Distorções e aberrações éticas

não faltam na imprensa brasileira. Dou sempre um exemplo já antigo, de 1980, mas emblemático: a rede Globo anunciando o fim da greve do ABC e levando ao ar imagens de arquivo para dar a impressão de que as fábricas estão trabalhando. Mas estas distorções e aberrações éticas não se resolvem em si mesmas, nem muito menos com "uma mudança de coração" ou "uma regeneração moral das pessoas", como parece desejar Paul Johnson.

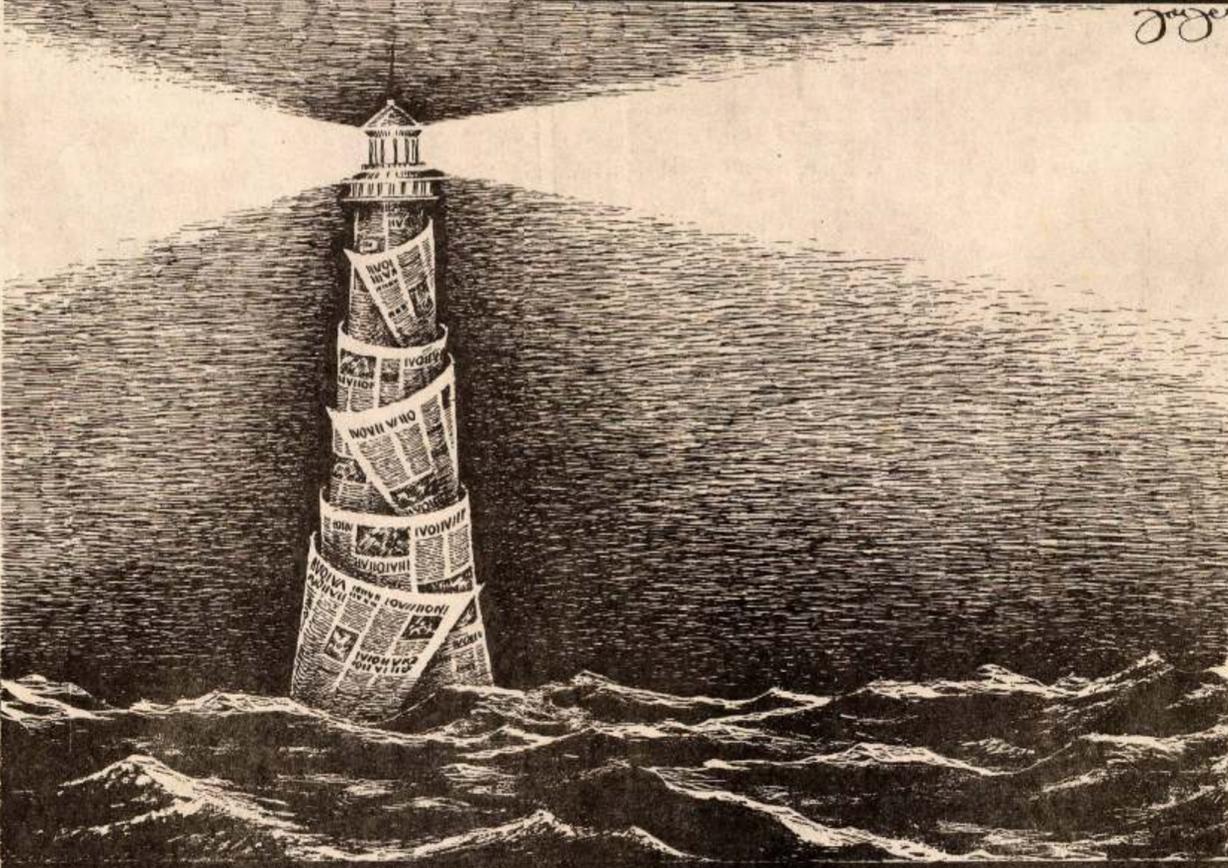
O buraco, diria o poeta, é mais embaixo. É a absurda concentração de 90% dos meios de comunicação do país nas mãos de nove famílias. Este compacto e crescente oligopólio tem sua apoteose no rádio e na tevê, dependentes de concessões estatais que até hoje não beneficiaram um só sindicato, uma só entidade popular. Se apenas uns poucos podem falar, é claro que falam o que bem entendem. Não há "coração" que dê jeito.

Por isso a CUT apoia o Projeto de Lei da Informação Democrática, do deputado Zaire Rezende, e o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Restrições à liberdade de expressão, está provado, são uma emenda pior do que o soneto. Mas esta liberdade não pode continuar a ser inacessível, na prática, para 99,99% dos cidadãos brasileiros.

(Jair Meneguelli, presidente da CUT.)

### OS SETE PECADOS

- |   |   |   |  |  |   |   |
|---|---|---|--|--|---|---|
| 1   | 2   | 3   | 4  | 5  | 6   | 7   |
| Distorção. Deliberada ou inadvertida, é muito comum e pode assumir várias formas. | Culto das falsas imagens. É a forma mais comum de distorção na televisão. | Invasão da privacidade. É o pecado mais pernicioso da mídia do nosso tempo. | Assassinato de personagem. A mídia é uma arma se dirigida com hostilidade. | Exploração do sexo. A obscenidade nunca foi empregada de modo tão inescrupuloso. | Envenenamento das mentes das crianças pelo que elas vêem, escutam e lêem. | Abuso de poder. O dito de que poder tende a corromper aplica-se à mídia e à política. |



### OS DEZ MANDAMENTOS

- |   |   |   |   |   |  |   |   |   |  |
|---|---|---|---|---|--|---|---|---|--|
| 1   | 2   | 3   | 4   | 5   | 6  | 7   | 8   | 9   | 10   |
| Desejo dominante de descobrir e contar a verdade. | Os jornalistas devem pensar nas consequências do que dizem. | Contar a verdade não basta. Pode ser perigoso sem julgamento. | Os jornalistas devem possuir o impulso de educar. | Os meios de comunicação devem separar opinião pública de popular. | Disposição para liderar. Para ter liderança é preciso ser responsável. | Mostrar coragem. É a virtude que mais falta na mídia. | Disposição em admitir o erro. A aceitação é a melhor prova de senso de honra. | Equidade geral. Jornais justos chamam atenção porque são raros. | Respeitar e honrar as palavras. São inseparáveis da verdade. |

AMANHÃ  
ENTREVISTA  
COM ROBERTO  
MARINHO,  
PRESIDENTE DAS  
ORGANIZAÇÕES  
GLOBO.